

Retratos do trabalho: análise da atividade de feirantes da Feira Agroecológica Ecovárzea (FAE), em João Pessoa, Paraíba.

Matheus Vasconcelos Castelliano, discente de Psicologia na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), vinculado ao Grupo de Pesquisa, Subjetividade e Trabalho.
mvcastelliano@gmail.com

Anna Dhara Guimarães Tannuss, discente de Psicologia na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), vinculada ao Grupo de Pesquisa Estudos em Desenvolvimento Humano, Educacional e Social.
annadhara20@gmail.com

Ester Batista de Araújo, discente de Psicologia na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), vinculada ao grupo de pesquisa A Saúde Mental e a Prática Entre Vários.
ester.araujo@academico.ufpb

Lígia Lima Ferraz, discente de Psicologia na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), vinculada ao Grupo de Pesquisa, Subjetividade e Trabalho. ligialimaferraz@gmail.com

A sociedade brasileira enfrenta, frequentemente, diversos dilemas em relação à alimentação, seja pelo crescimento da insegurança alimentar, exponenciado durante a pandemia de covid-19 (Valery, 2021), seja pelo uso excessivo de agrotóxicos (Carrança, 2021). Nesse contexto, em contrapartida, partindo de uma perspectiva contra-hegemônica do mercado, a Economia Solidária (ES) é um campo que floresce no Brasil desde a década de 90. De acordo com Singer (2002), ela é compreendida como um conjunto de atividades econômicas de produção, distribuição, consumo e crédito baseado na autogestão. Pensando o papel das feiras a partir da ES, entendemos que as feiras livres possuem enorme relevância social, conforme Souza (2012), estas datam desde o Brasil colônia e constituem-se na modalidade de mercado varejista ao ar livre, possuindo características como sua periodicidade semanal, organizada como serviço de utilidade

pública e voltada para a distribuição local de gêneros alimentícios e produtos básicos. Abreu (1989, p.103) reforça a relevância das feiras enquanto veículo de comunicação e expressão da cultura do povo, configurando-se como ambiente de encontro, reencontro e lazer para todos que vivem e passam por ali. Ademais, o componente cultural também é vivaz nessa atividade laboral, pois através da inserção da relação entre o comerciante e o cliente, cada venda torna-se distinta, apresentando uma configuração própria, onde o vivido cultural dos indivíduos presentes sempre está em estado de reafirmação. Além disso, as manifestações artesanais e artísticas, muito representativas da cultura local, estão geralmente presentes no funcionamento das feiras agroecológicas. Seguindo essa perspectiva, o objetivo deste trabalho foi realizar uma análise da atividade voltada para a visão que o trabalhador tem sobre seu próprio trabalho, possibilitando, assim, uma reflexão crítica sobre as implicações da função laboral no psicossocial dos indivíduos. Neste sentido, o trabalho se deu através dos relatos de um trabalhador da Feira Agroecológica Ecovárzea (FAE), feira que funciona há 17 anos na Universidade Federal da Paraíba e atua conforme os moldes da Economia Solidária, para isso, a coleta do material para a confecção deste trabalho se deu *in loco*, através de uma entrevista semiestruturada e também do registro fotográfico. Segundo Minayo (1999) a utilização de registros fotográficos amplia o conhecimento dos estudos, ao proporcionar uma documentação de momentos ou situações que exemplificam o cotidiano. Nesse sentido, buscou-se na entrevista contemplar temas como a relação entre os trabalhadores e a Feira Agroecológica Ecovárzea; Como se davam os coletivos de trabalho; Como se estabelecia o cotidiano daqueles feirantes; Quais as possíveis infidelidades do meio, dentre outros. Assim, a partir da análise realizada, como resultados podemos observar que a FAE é constituída a partir da relação de diversos feirantes, de diferentes localidades, ora cidades mais longínquas, ora da própria capital paraibana. De acordo com Santos (2005) e Barros (2009), as feiras livres são caracterizadas tanto como centros de mercado, modalidade de comércio varejista, quanto se constituem em espaços de socialização e de manutenção cultural. Nesse sentido, ao realizar a observação *in loco*, vê-se que cores, formas e texturas das mercadorias são exploradas pelos feirantes, a fim de garantir a atenção por parte da freguesia. evidenciando um processo criativo de como dispor seus produtos e de que maneira os feirantes se portam para receberem seus clientes (Sato, 2007). Conforme

Schwartz (2002), o trabalho é um universo de micro transgressões, ambiente propício para questionar o prescrito e lidar com as infidelidades do meio, assim, as “brechas das normas” evidenciam a constante possibilidade da transgressão, a possibilidade de se tomar uma decisão, própria, pessoal e livre. Nessa perspectiva, a partir da fala do entrevistado, seu trabalho não consiste apenas no processo de revenda de plantas e panelas de barro, mas também precisa do conhecimento e técnica envolvidos na cultivo de plantas e a confecção de panelas artesanais, e que para tal, cada sujeito tentará, à sua maneira, com sua própria história, seus próprios valores, realizar sua atividade. Ademais, foi possível compreender a centralidade do trabalho para este trabalhador, que cresceu dentro da olaria e aprendeu o ofício a partir de seus antepassados, assim, vislumbra-se que o trabalho é um lugar de retrabalho da própria história, dos desafios que ressoam simbolicamente da infância, junto com os desafios colocados pela variabilidade da história da atividade humana, que faz cada contexto sempre ser singular (Schwartz, 2000). Portanto, de antemão a equipe compreende que o campo de trabalho escolhido é um ambiente bastante intenso e movimentado por natureza, e que a mera realização da coleta configura-se enquanto imprevisto para o trabalhador, afetando seu cotidiano e impactando no tempo despendido para condução da coleta. Contudo, a partir da experiência da equipe na coleta e análise do material, reafirma-se a possibilidade do campo de atuação da psicologia com a economia solidária e o trabalho nas feiras livres, cabendo ao psicólogo entender sobre os princípios que regem estes tipos de empreendimentos como cooperação e solidariedade, além de estar atento às formas de gestão que se opõe ao modo de produção capitalista, assim como os desafios que surgem tanto para esses empreendimentos como para qualquer trabalhador que enfrenta os mais diversos desafios do contexto de trabalho na sociedade capitalista.

Financiamento: Sem Financiamento.

Palavras chave: Economia Solidária. Feira Livre. Psicologia do trabalho.

Referências:

Abreu, M. de A. (1989). Evolução urbana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; IPLANRIO.

- Carrança, T. (25 de maio de 2021). Agrotóxico mais usado do Brasil está associado a 503 mortes infantis por ano, revela estudo. BBC News. Recuperado de: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57209799#:~:text=Somente%20em%202020%2C%20o%20Brasil,compila%20esses%20dados%20desde%202000>
- Minayo, M. C. S. (Org.). (1999). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. (14a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Sato, L. (2007) Processos Cotidianos de Organização do Trabalho na Feira Livre. Psicologia & Sociedade, vol. 19, núm. 1, pp. 95-102 Associação Brasileira de Psicologia Social Minas Gerais, Brasil.
- Schwartz, Y. (2000). Trabalho e uso de si. Pro-Posições, São Paulo, v.1, n.5, p.34-50, jul.
- Souza, R. M. B. D. (2012). Significados atribuídos ao trabalho em condições precárias: Um estudo com feirantes do Largo da Ordem de Curitiba-PR.
- Valery, G. (13 de out. de 2021). Insegurança alimentar voltou a crescer, e fome atinge 19,1 milhões. Brasil de Fato. Recuperado de: <https://www.brasildefato.com.br/2021/10/13/inseguranca-alimentar-voltou-a-crescer-e-fome-atinge-19-1-milhoes>